

SUMÁRIO

Nota dos tradutores	15
---------------------------	----

Parte II. DESENVOLVIMENTO DO IDEAL NAS FORMAS PARTICULARES DO BELO ARTÍSTICO

<i>Primeira Seção: A FORMA DE ARTE SIMBÓLICA</i>	23
<i>Introdução: DO SÍMBOLO EM GERAL</i>	25
DIVISÃO	37
1. O SIMBOLISMO INCONSCIENTE	41
2. O SIMBOLISMO DO SUBLIME	43
3. O SIMBOLISMO CONSCIENTE DA FORMA DE ARTE COMPARATIVA	44
<i>Primeiro Capítulo: O SIMBOLISMO INCONSCIENTE</i>	47
A. A UNIDADE IMEDIATA DO SIGNIFICADO E DA FORMA	48
1. <i>A Religião de Zoroastro</i>	49
2. <i>Tipo Não Simbólico da Religião de Zoroastro</i>	53
3. <i>Concepção e exposição não artísticas da religião de Zoroastro</i>	55
B. O SIMBOLISMO FANTÁSTICO	57
1. <i>A concepção indiana de Brama</i>	59
2. <i>Sensibilidade, desmedida e atividade personificadora da fantasia indiana</i> ...	60
3. <i>Intuição da Purificação e da Expição</i>	70
C. O SIMBOLISMO AUTÊNTICO	71
1. <i>Intuição e exposição egípcias do morto; pirâmides</i>	78

2. Culto aos animais e máscaras de animais	80
3. Simbolismo completo: Memnonas, Isis e Osiris, Esfinge	81
Segundo Capítulo: O SIMBOLISMO DO SUBLIME	87
A. O PANTEÍSMO DA ARTE	90
1. Poesia indiana	91
2. Poesia maometana	93
3. A mística cristã	96
B. A ARTE DO SUBLIME	97
1. Deus como o criador e o senhor do mundo	99
2. O mundo finito desdivinizado	100
3. O indivíduo humano	101
Terceiro Capítulo: O SIMBOLISMO CONSCIENTE DA FORMA DE ARTE COMPARATIVA	105
A. COMPARAÇÕES QUE TÊM INÍCIO NO EXTERIOR	109
1. A fábula	110
2. Parábola, provérbio, apólogo	117
a. A Parábola	117
b. O Provérbio	119
c. O Apólogo	119
3. As metamorfoses	120
B. COMPARAÇÕES QUE NA FIGURAÇÃO TÊM INÍCIO COM O SIGNIFICADO	122
1. O enigma	124
2. A alegoria	125
3. Metáfora, imagem, símile	129
a. A Metáfora	129
b. A Imagem	135
c. O Símile	137
C. O DESAPARECIMENTO DA FORMA DE ARTE SIMBÓLICA	147
1. O poema didático	149
2. A poesia descritiva	150
3. O antigo epigrama	150

SUMÁRIO

<i>Segunda Seção: A FORMA DE ARTE CLÁSSICA</i>	155
<i>Introdução: DO CLÁSSICO EM GERAL</i>	157
1. <i>A Autonomia do clássico como interpenetração do espiritual e de sua forma natural</i>	161
2. <i>A arte grega como existência efetiva do Ideal clássico</i>	166
3. <i>A posição do artista produtor na Forma de arte clássica</i>	167
DIVISÃO	170
<i>Primeiro Capítulo: O PROCESSO DE CONFIGURAÇÃO DA FORMA DE ARTE CLÁSSICA</i>	173
1. A DEGRADAÇÃO DO ANIMALESCO	175
a. <i>O Sacrifício de Animais</i>	176
b. <i>As Caçadas</i>	177
c. <i>As Metamorfoses</i>	178
2. A LUTA ENTRE OS DEUSES ANTIGOS E NOVOS	183
a. <i>Os oráculos</i>	187
b. <i>Os deuses antigos à diferença dos deuses novos</i>	189
c. <i>A vitória sobre os deuses antigos</i>	196
3. CONSERVAÇÃO POSITIVA DOS MOMENTOS POSTOS NEGATIVAMENTE	198
a. <i>Os mistérios</i>	199
b. <i>Conservação dos deuses antigos na exposição artística</i>	200
c. <i>A base natural dos deuses novos</i>	202
<i>Segundo Capítulo: O IDEAL DA FORMA DE ARTE CLÁSSICA</i>	207
1. O IDEAL DA ARTE CLÁSSICA EM GERAL	208
a. <i>O ideal enquanto nascido da criação artística livre</i>	208
b. <i>Os deuses novos do ideal clássico</i>	212
c. <i>A espécie exterior da exposição</i>	217
2. O CÍRCULO DOS DEUSES PARTICULARES	217
a. <i>Multiplidade dos indivíduos-deuses</i>	218
b. <i>Carência da articulação sistemática</i>	218
c. <i>Caráter fundamental do círculo de deuses</i>	219
3. A INDIVIDUALIDADE SINGULAR DOS DEUSES	221

<i>a. A matéria para a individualização</i>	222
<i>b. Conservação da base ética</i>	230
<i>c. Progresso para a graça e para o encanto</i>	231
<i>Terceiro Capítulo: A DISSOLUÇÃO DA FORMA DE ARTE CLÁSSICA</i> . . .	233
1. O DESTINO	233
2. A DISSOLUÇÃO DOS DEUSES POR MEIO DO SEU ANTROPOMORFISMO	235
<i>a. Carência de subjetividade interior.</i>	235
<i>b. A transição para o âmbito cristão objeto somente da arte mais recente</i>	237
<i>c. Dissolução da arte clássica em seu próprio âmbito</i>	241
3. A SÁTIRA	243
<i>a. Diferença entre a dissolução da arte clássica e a dissolução da arte simbólica</i>	244
<i>b. A sátira</i>	244
<i>c. O mundo romano como solo da sátira</i>	246
<i>Terceira Seção: A FORMA DE ARTE ROMÂNTICA</i>	249
<i>Introdução: DO ROMÂNTICO EM GERAL</i>	251
1. O PRINCÍPIO DA SUBJETIVIDADE INTERIOR	252
2. OS MOMENTOS MAIS PRECISOS DO CONTEÚDO E DA FORMA DO ROMÂNTICO	253
3. O MODO DE EXPOSIÇÃO ROMÂNTICO EM RELAÇÃO COM SEU CONTEÚDO . .	259
<i>DIVISÃO</i>	262
<i>Primeiro capítulo: O CÍRCULO RELIGIOSO DA ARTE ROMÂNTICA</i>	265
1. A HISTÓRIA DA REDENÇÃO DE CRISTO	269
<i>a. O aparente caráter supérfluo da arte.</i>	270
<i>b. A intervenção necessária da arte</i>	270
<i>c. Particularidade contingente do fenômeno exterior.</i>	271
2. O AMOR RELIGIOSO	274
<i>a. Conceito do absoluto como conceito do amor</i>	274
<i>b. O ânimo</i>	275
<i>c. O amor como o ideal romântico.</i>	276

SUMÁRIO

3. O ESPÍRITO DA COMUNIDADE	278
<i>a. Os mártires</i>	279
<i>b. A penitência e a conversão interiores</i>	283
<i>c. Milagres e lendas</i>	284
<i>Segundo capítulo: A CAVALARIA</i>	287
1. A HONRA	292
<i>a. O conceito de honra</i>	292
<i>b. A violabilidade da honra</i>	295
<i>c. A reparação da honra</i>	296
2. O AMOR	297
<i>a. O conceito do amor</i>	297
<i>b. Colisões do amor</i>	300
<i>c. Contingência do amor</i>	301
3. A FIDELIDADE	303
<i>a. A fidelidade de servir</i>	304
<i>b. A autonomia subjetiva da fidelidade</i>	305
<i>c. Colisões da fidelidade</i>	305
<i>Terceiro capítulo: A AUTONOMIA FORMAL DAS PARTICULARIDADES INDIVIDUAIS</i>	309
1. A AUTONOMIA DO CARÁTER INDIVIDUAL	312
<i>a. A firmeza formal do caráter</i>	312
<i>b. O caráter enquanto totalidade interior, mas não desenvolvida</i>	315
<i>c. O interesse substancial na apresentação dos caracteres formais</i>	320
2. A AVENTURA	322
<i>a. A contingência dos fins e das colisões</i>	322
<i>b. O tratamento cômico da contingência</i>	326
<i>c. O romanesco</i>	328
3. A DISSOLUÇÃO DA FORMA DE ARTE ROMÂNTICA	329
<i>a. A imitação artística subjetiva do existente</i>	331
<i>b. O humor subjetivo</i>	336
<i>c. O fim da Forma de arte romântica</i>	338

APÊNDICE: PREFÁCIO DE H. G. HOTHÓ PARA A 2ª EDIÇÃO DE	
<i>CURSOS DE ESTÉTICA</i>	347
GLOSSÁRIO	349